

O individualismo na cultura moderna

*George Ardilles da Silva Jardim
(Bacharelado em Ciências Sociais da UFPB)*

A expansão do sistema capitalista, segundo uma ideologia neoliberal, tem como conseqüências várias transformações no seio da humanidade. Em uma complexa dialética cultural, diversos povos passam por reflexões constantes, tomando como base o seu “ethos” e visões de mundo, fazendo ou não ressignificações de seus aspectos morais e/ou cognitivos. Em outros casos, o parâmetro para reflexão se inicia no momento em que existe um choque cultural.

Neste contexto moderno, onde a política hegemônica se caracteriza pela homogeneização, globalização, unificação e igualdade da cultura, e onde a antropologia se sente ameaçada de ter o seu principal objeto de estudo (a cultura) em “vias de extinção”, é que surge um novo paradigma de análise antropológica. O individualismo torna-se um dos principais temas de discussão entre as ciências humanas e sociais da modernidade. Apesar de estar tão em voga ultimamente, o individualismo parece ter uma história bastante significativa dentro do curso da humanidade. A análise deste tema, como o fez Dumont, buscando suas origens no cristianismo, e como Simmel buscou na Renascença que principiava

as discussões sobre a liberdade dos indivíduos, faz-se necessária para a compreensão do individualismo moderno.

Paralelamente ao surgimento deste novo tema da antropologia, segue o acima citado objeto em "vias de extinção". Tanto o surgimento de um quanto a possível extinção do outro tem como base o crescimento dessa ideologia globalizante. Visto isso, para a compreensão de um (do individualismo) se faz necessária a compreensão do outro (a cultura).

O individualismo

Seja nas entranhas do cristianismo, na ambição do homem renascentista ou na auto-afirmação do homem moderno, o individualismo traz em si uma posição particular diante do sistema em que o mesmo está inserido.

Em seu ensaio acerca da gênese do individualismo, Dumont (1985) faz uma volta ao passado e busca nos primórdios cristãos o que viria a ser o individualismo moderno. Porém, Dumont diz:

"...algo do individualismo moderno está presente nos primeiros cristão e no mundo que os cerca, mas não se trata do individualismo que nos é familiar" (1985, p. 36).

Sob os auspícios da Igreja, ligada diretamente ao Estado, é que se caracterizava as sociedades dos primeiros séculos do cristianismo. Elas se estabeleciam por uma ideologia holista, onde o valor se encontrava na sociedade como um todo. Sendo aquele indivíduo que não se estabelecia sob este sistema, e buscava autonomia e independência, considerado como "indivíduo-fora-do-mundo", ou "renunciante". Ou seja, o indivíduo que buscava um valor supremo em si mesmo, se distanciava do mundo social como condição necessária para o desenvolvimento espiritual individual. Este

indivíduo, o “renunciante”, estaria fora e acima da organização social dada. Pois,

“o valor infinito do indivíduo é, ao mesmo tempo, o aviltamento, a desvalorização do mundo tal como existe” (DUMONT, 1985, p. 43).

Partindo de outra época (a Renascença), Simmel discorreu algumas reflexões sobre o “indivíduo e a liberdade”. No período renascentista o indivíduo buscava a singularidade, auto-responsabilidade, a liberdade, ou seja, a individualidade. Todos estes conceitos fizeram parte da construção do que viria a ser o individualismo moderno.

Marcado pelo grande desenvolvimento pessoal, o homem renascentista, em um primeiro momento, buscava enfatizar sua própria singularidade. Neste sentido, “o individualismo se manifesta como uma busca de distinção” (SIMMEL, 1998, p. 110). Ou seja, necessidade de se impor incondicionalmente.

Em um segundo momento, entrando no discurso próprio da modernidade, o homem renascentista buscava se libertar do jugo das instituições políticas, econômicas e religiosas, tomando esta liberdade como auto-afirmação em relação à sociedade. Neste discurso de liberdade o individualismo renascentista tomava como fundamento a igualdade natural entre os homens. Onde, quanto mais próximos da natureza estiverem os indivíduos, mais individualistas e iguais serão. Assim como diz Simmel: “o lugar mais profundo da individualidade é o da igualdade universal” (1998, p. 112). E em um último momento, a singularidade e a liberdade parecem se fazerem como fins últimos do homem renascentista.

Visto estas observações, e as trazendo para uma discussão atual, o individualismo moderno se caracteriza por uma busca de liberdade, singularidade e auto-responsabilidade, seguindo os moldes de um “renunciante” cristão. Mas, não se igualando a um “indivíduo-

fora-do-mundo”, e sim ao “indivíduo-no-mundo”. Ou seja, o indivíduo contesta o mundo, porém vive dentro do mesmo.

A cultura moderna

A cultura sempre foi um tema que norteou grandes discussões desde o nascimento da antropologia até os dias atuais. Muitos foram os conceitos que tentaram explicar este fenômeno, ao mesmo tempo universal e particular.

“Cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir” (LARAIA, 2004, p. 101).

Na citação acima, Laraia dá uma idéia geral do que é a cultura, ou as culturas. E poderíamos enfatizar, através dele, a questão da dinâmica e das diferenças dentro da cultura moderna. Pois, dentro do conceito de cultura disposto por Laraia, o que há de mais visível são os conflitos entre ideologias hegemônicas e tradicionais. Então, o que Laraia diz, que é importante tanto para a antropologia quanto para qualquer ser humano que tem uma ideologia dentro deste mundo moderno, é que a compreensão das culturas e o respeito por suas diferenças, visto que a cultura é dinâmica, seria como uma preparação para o novo, que tanto pode fazer parte da sua cultura como de um outro.

Como dissemos de início, a cultura moderna tem como principal motor o sistema capitalista. O discurso da globalização tem influência direta nos processos culturais, favorecendo o aumento dos choques

interétnicos, das resignificações ou as auto-afirmações culturais. E não poderíamos deixar de lado destas reflexões o dinheiro que, como assinalou Simmel, seria o “Deus da modernidade”, e tem um papel decisivo no sistema capitalista.

Para Simmel, o dinheiro objetiva as relações e aumenta a autonomia e independência da pessoa. Em todas as relações ele seria o seu representante, tornando o ser humano universal, pois teria o dinheiro como mediador das relações. Ou seja, seria ele um meio de relacionamento universal, dando ao homem a mesma liberdade e personalidade em todos os lugares do mundo.

“O dinheiro abriu, para o homem singular, a chance à satisfação plena dos seus desejos numa distância muito mais próxima e mais cheia de tentações. Existe a possibilidade de ganhar, quase com um golpe só, tudo que é desejável” (SIMMEL, 1998, p. 35).

O dinheiro, então, seria um facilitador entre o homem e seus desejos.

De forma mais geral, porém, e nos detendo sobre o caráter da cultura moderna, e tomando como base o antropólogo contemporâneo Marshall Sahlins (1997, 1997a), vemos que a cultura não está em extinção como tem disseminado o discurso pós-moderno.

“À luz das transformações históricas globais, a crítica pós-modernista da etnografia tem uma certa pertinência. Mas seu corolário não é o fim da ‘cultura’, e sim que a ‘cultura’ assumiu uma variedade de novas configurações, e que nela agora cabe uma porção de coisas que escapam ao nosso demasiado lento entendimento” (SAHLINS, 1997, p. 58).

Embora o sistema capitalista propague a idéia da globalização como meio de encurtar as distâncias mundiais, dando liberdade e autonomia aos indivíduos e, neste sentido, levando a aparente

homogeneização cultural, Sahlins irá dizer que as culturas estão se comportando de maneira inesperada. Muito do “ethos” e visões de mundo de um povo que de forma cíclica dá significados entre si e, de forma mais geral, ao todo cultural, tem papel importante no momento em que ocorre os choques culturais tão freqüentes na modernidade. Nem sempre as ideologias hegemônicas conseguem se inserir no seio de uma cultura tradicional, favorecendo assim uma resistência e uma auto-afirmação cultural. E em outros casos, onde a cultura global abre espaço e se insere em meio às culturas, estas fazem resignificações sobre os processos de aculturação a que as mesmas estão se inserindo.

De forma mais ampla, Sahlins quer dizer que as culturas modernas estão passando por transformações e resignificações que os antropólogos não estão conseguindo acompanhar.

Apesar de ter toda uma construção histórica, o individualismo ganhou grande respaldo enquanto objeto científico na cultura moderna. E, posso afirmar, que foi devido a estas transformações e resignificações culturais que este surgiu como um novo objeto da antropologia.

O individualismo na cultura moderna

Ao fazer uma ligação entre os dois conceitos sobre os quais discorreremos neste artigo, poderemos ter uma compreensão, ao menos conceitual, de como está sendo caracterizado o individualismo moderno. A idéia que mais tem sido enfatizada na cultura moderna é a dos ideais de liberdade, singularidade e auto-responsabilidade, que parecem um tanto contraditórios se tomarmos como base o proferidor desta ideologia. Ou seja, o discurso neoliberal do sistema capitalista.

Ao mesmo tempo em que a liberdade é tida como direito de todo indivíduo, e podemos então fazer nossas escolhas e prover os

nossos desejos, estamos presos ao “Deus da modernidade” que media todas as ações entre sujeitos e objetos.

“Do mesmo modo que a maioria dos homens modernos precisa ter diante dos olhos, na maior parte da vida, o ganho de dinheiro como motivação mais próxima, forma-se a idéia de que toda a felicidade e toda satisfação definitiva na vida são ligadas, intrinsecamente, à posse de uma certa forma de dinheiro” (SIMMEL, 1998, p. 33).

Neste sentido, o homem é “livre” se possuir a quantia de dinheiro que possa pagar seus desejos.

Vemos, em outro momento, a singularidade sendo enfatizada como forma de se impor distintamente, e desta maneira manifestar a sua liberdade e dessemelhança perante os outros indivíduos e o sistema. Este discurso, porém, se torna vago se considerarmos que o próprio sistema capitalista é quem dita os moldes culturais a que os mesmos devem se enquadrar. Ou, quando realmente um indivíduo se mostra de forma singular, distinto do sistema e dos outros indivíduos, ele sofre com os preconceitos de uma sociedade que aparenta zelar pela liberdade e singularidade.

O discurso gira em torno da auto-responsabilidade, no último momento. Serei indivíduo auto-responsável se usar da minha liberdade para melhor gerenciar minha vida, com o fim primeiro de acumular o tanto de dinheiro possível quanto possa garantir a minha singularidade. É comum na cultura moderna os homens se distinguirem pela quantidade de dinheiro que os mesmos possuem.

Se o que caracteriza o individualismo é a liberdade, a distinção e a auto-responsabilidade, ou seja, a satisfação dos desejos pessoais, o individualismo na cultura moderna não passa de um conceito. Ou, no máximo, de um conceito para poucos. Para aqueles que buscam se aproximar do estado de natureza dos homens, para os que buscam ser livres de todos e de tudo, tanto interior quanto

exteriormente, poderiam ser vistos como os “renunciantes” do sistema; os “indivíduos-no-mundo” -não sociais, mas naturais-; os “seres morais”, portadores dos valores supremos da natureza. Porém, no mundo moderno, estes individualistas são tidos como loucos.

Para concluirmos, o individualismo moderno é determinado pela própria cultura moderna homogeneizante, e sua ideologia, e não pelas particularidades individuais.

Referências Bibliográficas

DUMONT, Louis. 1985. “Do indivíduo-fora-do-mundo ao indivíduo-no-mundo”. In: *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco. Cap. 1.

GEERTZ, Clifford. “‘Ethos’, Visão de mundo e a análise de símbolos sagrados”. In, **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Editora Guanabara Koogan, 1989, pp. 143 a 159.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2004.

SAHLINS, Marshall. “O ‘pessimismo sentimental’ e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um ‘objeto’ em vias de extinção”. Parte I. **Mana**, v.3, n.1, pp. 41 a 73, 1997.

SAHLINS, Marshall. “O ‘pessimismo sentimental’ e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um ‘objeto’ em vias de extinção”. Parte II. **Mana**, v.3, n.2, pp. 103 a 150, 1997a.

SIMMEL, Georg. “O indivíduo e a liberdade”. In, Jessé Souza e B. Oélze, orgs. **Simmel e a Modernidade**. Brasília, Editora UNB, 1998, pp. 109 a 117.

SIMMEL, Georg. “O dinheiro na cultura moderna”. In, Jessé Souza e B. Oélze, orgs. **Simmel e a Modernidade**. Brasília, Editora UNB, 1998, pp. 23 a 40.

STOLCKE, Verena. “Gloria o Maldición Del Individualismo Moderno según Louis Dumont”. **Revista de Antropologia**. v.44, n.2, pp. 7 a 37, 2001.

RESUMO:

O presente artigo faz uma reflexão sobre o individualismo no contexto cultural da modernidade. A partir de uma análise de autores como Dumont e Simmel, buscamos uma compreensão de como a cultura moderna se relaciona com o individualismo, refutando ou não a validade deste conceito. Para isso, faremos uma pequena análise da cultura moderna enquanto objeto de estudos da antropologia, tomando como base o antropólogo contemporâneo Marshall Sahlins.

PALAVRAS-CHAVE: Individualismo, cultura, modernidade.

RÉSUMÉ:

Cet article entend réfléchir sur l'individualisme dans le contexte culturel de la modernité. À partir de l'analyse de certains auteurs, tel que Dumont et Simmel, on essaye ici de comprendre la façon dont la culture moderne a part liée à l'individualisme, même si la première refuse validité à ce second concept. Pour ce faire, on entreprendra une brève analyse de la culture moderne en tant qu'objet d'études de l'anthropologie, ayant par support l'anthropologue contemporain Marshall Sahlins.

MOTS-CLÉ: Individualisme, culture, modernité.